

A CONFISSÃO

Sousa Horácio Bartolomeu

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0007-6596-7510>

O elefante universitário	207
O rei leão e o poder	210
Protestos da barriga do rei	213
Confissões dos Cães	216
A Borboleta e o Macaco	218
A separação	220
O pecado de voar	222
Rivalidade	224
O macaco albino	226

Apresentação

Os textos compilados neste livro são carregados de várias temáticas que assolam, não apenas Moçambique, mas todo o mundo em diferentes perspectivas. Referem-se os dilemas sociais, políticos, económicos, ambientais, educacionais, etc. Como destaque, desde a década vinte do século vinte e um, os sérios problemas mencionados têm aumentado por causa da evolução tecnológica, o exemplo concreto é o descarte dos estudos na fase juvenil, casamentos prematuros, consumo de bebidas alcoólicas de forma exagerada aos jovens, fuga à paternidade, prostituição, etc.



O elefante universitário

Era uma vez, havia alguns caçadores que foram à floresta apreciar os animais e matar alguns para o consumo. Durante a caça, encontraram um elefante sentado e contando os seus dedos tal como faz uma velha cansada pela vida contando os seus últimos dias restantes. Eles sentaram - se ao lado dele, procuraram saber um pouco sobre a sua vida. Durante a conversa, perceberam que o animal contava histórias antiquíssimas, olharam - se e decidiram levá-lo para cidade onde lhe colocariam numa universidade a fim de cientificar o conhecimento comum. O animal aceitou a proposta, sem os outros animais terem o conhecimento, ausentou-se da floresta.

Chegaram à cidade e começou a estudar numa das universidades de destaque. Assim, o tempo passou. Graduou, e como foi o começo, os caçadores vieram deixá-lo na sua residência, na floresta. Ao se aperceberem da situação, todos os animais vieram ao local incluindo o Leão que o olhava de forma insistente com as rugas embrulhadas feito uma eterna velha viciada em aviões nocturnos. Antes disto, a floresta funcionava sem regras, e não detinha Rei, mas informalmente, o Leão mandava o povo. Dentre os animais que se orgulhavam pela chegada do Elefante gritavam levantando as mãos:

- Lhe queremos como Rei ... Lhe queremos como Rei.

O Leão com suas camisas rasgadas, sem chinelos, com cabelo desfeito feito um fumador perdido no rio da maconha, abanava a cabeça de detesto. Após alguns minutos, ele e o seu grupo ausentaram-se, até anoitecer. A Impala, a Gazela, a Girafa e outros animais eram chamados de Lambe - botas por terem permanecidos naquele lugar ao lado do universitário até às seis horas da manhã. Sim, deveriam ficar ao lado de quem conhece a ciência. Dizem que a floresta era democrática, mas o Leão torturava e comia todo mantimento que era reservado na sua casa a fim de combater a fome que sempre se falava pelos conhecedores da ciência.

- Anh, ainda estão aqui? Sentados ao redor deste elefante? - Disse o Leão com suas mãos nos bolsos numa manhã.

O Elefante levantou - se, abriu a porta da sua casa e percebeu de que a situação era diferente. Regressou, leu um pouco e percebeu-se da temperatura que aos poucos aumentava na floresta. O fumo, segundo ele, poluía o meio ambiente. Olhou para o céu e disse:

- *Oh, compadre Leão, consegues notar o fogo que nos está aproximar?*

- *Fogo? Que fogo? Vês porcaria de qualquer maneira só porque estudaste? Quer dizer....Tens (...)*

- *Não, não é isso. Vejam... vejam este fogo. Sintam o oxigénio envenenado pelo fumo. Há inimigos que plantaram o fogo para nos devorar e danificar o ambiente.* - Acrescentou o elefante.

- *Epah, que oxigénio que é?*

- *Preste atenção. Agora veja este fogo que se aproxima.*

- *Ok...ok...ok... Já estou a ver.*

Após a confirmação, saiu do local. Já com o conhecimento adquirido, marca uma reunião. Convoca todos os outros animais.



- *Há inimigos que não nos querem nesta mata, então, todos nós temos missão.*

Agora o trabalho é nosso, ele ganhou a escola e nós vamos à Luta. Está certo? Anh? Quem é favor do elefante?

Todos os animais estavam com as mãos nos bolso e prestes a levantar, porém com os olhos acesos e rugas amarradas pelo Leão, ninguém se ousou. Naquele momento, o elefante aproximou - se educadamente do local e disse:

- *Não preciso de ser Rei, quero que façamos alguma coisa para que os nossos filhos não morram, mas que tenham futuro. Tenho sonhos para esta floresta!*

- *Sai daqui, já sabemos o que queres. Convoquei a reunião para este fim.*

O elefante, lentamente, ausentou-se e foi sentar-se na sua cadeira. O Leão e os outros animais foram ao encontro do incêndio sem água. Devido a intensa força do fogo, alguns animais morriam queimados, sem saber o que fazer, o representante do grupo regressou à casa do elefante:

- Não conseguimos apagar o fogo.

- Meu amigo, seja humilde. Não se apaga o fogo com bocas. Chame os outros e venham buscar água.

Todos os animais vieram à casa do elefante e indignado, o Leão indagou:

- Mas, ouve cá, se aqui na floresta não temos nem copos nem carraça...

O que usaremos para buscar água e apagar o fogo?

- Eu sei. Escutem todos: Coloquem, nas vossas bocas, a água e vão apagar. Repitam isto por várias vezes. - propôs o Elefante.

Cada animal colocou a água na boca segundo a sua capacidade durante três viagens e assim conseguiram apagar o fogo. Todos voltaram ao local pediram que se organizassem as eleições para escolher o rei da floresta.

O rei leão e o poder

- *Guguru, fuuuuu!*

Caiu um leão no chão após um eterno cansaço. Era alto, forte e com uma barriga muito cheia. Vivia numa floresta com os outros animais e segundo as notícias daquele povo, a floresta era democrática, os reis deveriam ser trocados cinco em cinco anos, mas tudo era contrário, pois quem entrava no poder eram parentes do Rei. Primeiro, dizem que foi o bisavô, depois seguiu o seu avô, depois foi o pai e finalmente, todo o poder e todos os documentos foram passados para o actualmente Rei Leão.

Certa vez, íamos à floresta com os nossos instrumentos de caça para abater mais um animal para o consumo, e veio o filhinho do Elefante que nos desvendou o segredo:

- *Aqui, nesta floresta, podem fazer e desfazer, já não há regras como antigamente. Estes Reis são todos familiares, e puxam tudo para o lado familiar.*

Reparámo-nos, o filhinho girou e foi embora. Lembrei-me deste episódio, e reconheci a sua cara no dia da morte.

O Rei Leão tinha um mandando incompreensível, ora deixava o povo à fome, ora comia todas as colheitas que seriam guardadas para combater a fome futura. Ora comprava roupa nova, casas para os seus filhos, etc. Isto deixava os outros animais furiosos, por isso naquele dia, em todos os corações viam-se protestos. Os protestos deviam ser somente dentro dos seus corações, porque naquela multidão havia os Agentes Secretos que matavam secretamente caso ouvissem porcarias relacionadas com os Reis.

Certa vez, o Rei padeceu de uma doença rara, retirou todas as moedas do cofre e foi aos melhores médicos, porém nada resultava, por isso, de forma rápida, voltou à floresta a fim de anunciar o próximo Rei caso perca a vida. Foi

ao lado do palácio onde todos os animais foram convocados, deitado numa cama tentou esforçar o discurso:

- *Quando ... Quando ... Quando eu ...*

Todos ficaram atentos a fim de ouvir a próxima pessoa que seguraria o mandato. Após um silêncio, as palavras repetiram-se com quase último suspiro.

- *Es...cu...tem ... to...dos... A...pós a minha morte, o p...ró...ximo rei será ...*

Quem será!? Queria que o poder passasse para o filho mais velho, mas o lugar tornou-se mudo. Todas as matas, as árvores, o céu, e as bocas ficaram coladas. As orelhas do povo aumentavam e todos esticaram os olhos engolindo as últimas salivas de esperança.

Após um instante, levantou-se um pobre Elefante, sem chinelos, sem camisa, mas corajoso que sentiu o fogo que ardia no seu coração e arriscou-se em levantar.

- *Tenho um recado para o Rei antes da Morte.*

Ganhou audiência. Todos fixaram os olhos nele e o rei Leão tentou abrir o último olho que restava para assimilar o ensino.

- É o seguinte... As verdades devem ser ditas. Tivemos um poder desde dos anos em que ganhamos a guerra contra os colonos, àqueles animais desumanos que viviam naquela outra margem da floresta. Quem sabe, sabe, e até hoje foram os familiares da Excelência que governaram esta floresta e acredito que até hoje não vejo nada mudado. Concordam comigo?

- *Simmmmmm!* - Respondiam os outros animais, agitado e medrosos.

Continuo o pobre Elefante:

- *Vossa excelência, eu simplesmente queria informar sobre os segredos que outrora me falou. Excelência segredou-me que após a sua morte, o poder passaria para mim, lembra-se dessas palavras nem?*

Antes da resposta do Rei o elefante continuou:

- *Simmm, eu sei que se lembra. Então, peço que os guarda-costas, os policiais, os ministros e todos tenham o conhecimento antes que o Rei perca a vida. E*

Antes de concluir a declaração, a voz dos filhos, da esposa, dos familiares ocupava o espaço. Morreu o Rei Leão. Seguiu-se com os enterros, no dia seguinte os guardas costas (Leopardos) chegavam à casa do pobre Elefante, e encontram-no com uma barata - doce na mão, maçaroca assada e *Txatina*¹ sem sal. Gozavam do pequeno-almoço enquanto esperavam pelo *Djampota*² que estava já no lume para o almoço.



- *O senhor é solicitado urgentemente no palácio.*

Sem lavar as mãos, levantou-se segurando a calça que não cabia na sua cintura, puxou um chinelo do pé direito segurado por milhões de arames. Os pés saltavam

os passos, desobedecia a regra do caminhar, saltitava de pressa. O mundo novo sorriu, porque a vida havia-lhe mostrado os dentes. Com um pé de chinelo, assinava os papéis e desde daquele dia tornou-se o Rei mais amado pelo povo.

¹ Txatina – molho de tomate em língua Sena falada na região centro de Moçambique. .

² Djampota - comida feita de batata-doce, sal e água que se junta e mexe-se como maça, xima.

Protestos da barriga do rei

Era uma vez, um grupo de animais decidiu criar protesto sobre o tamanho enorme da barriga do Rei que foi eleito nos tempos coloniais, na época da Victoria conquistada contra outros animais que queriam devorar a verde Floresta composta por todo tipo de riqueza.

- Quem são estes brutos!?

Mexia os carnudos lábios enquanto tomava o café numa cadeira enorme ao lado dos seus filhotes que não se distanciavam dos telefones enormes nos sofás. Lá doutro lado de fora, estavam: O Régulo Leão, o chefe do bairro, o senhor Leopardo e os chefes de muitas outras casas incluindo a família Macaco. Ambos jaziam com lenços vermelhos amarrados nas cabeças. Era o juramento.

- Hoje é hoje... Ele deve-nos explicar: De onde veio essa barriga?



“O trabalho do Rei é andar. Andar, andar e andar. É saber sobre o estado do seu povo, e ele? Barriga enorme e nem andar consegue.”

Murmuravam alguns animais que só se dedicavam a carregar os sacos nos mercados informais com pedras nas suas mãos.

- Queremos despantufar essa porcaria entupida.

A vida era pedra, tão dura que para achar um almoço era um combate. Andar descalço não era algo novo, todos estavam com cabeças cheias de cabelos, lábios tão secos como folhas queimadas, corpos muito reduzidos como pedaços de vermes, e todos os pés eram deixados ao chão. Nas mãos, além das enormes pedras que não cabiam, nos braços direitos todos tinham azagaias.

Como de costume, o Rei usou o seu pequeno calção, e toda barriga exposta ao ar, saiu a fim de contemplar a beleza da frescura que insistentemente o convidava. “Ah! Que Rei querido, todos os régulos, líderes e chefes aguardando – me!” Falava o Rei e o seu íntimo. Tentou dar uma olhada um bocado mais detalhada.

– *Senhor Rei, na verdade nós não viemos com intento de guardar a tua casa e teus filhinhos....* – Falou o régulo Leão com tanta coragem despida da sua aberta boca.

– *Sim, é isso mesmo. Hoje é hoje. Passamos fome, e tu aqui, com essa enorme barriga. Viemos-te concluir.* – Concordou o Leopardo enquanto simulava o lançamento da azagaia de forma um pouco mais agitado.

O semblante mudou. A situação trocou. O silêncio ganhou vida, vozes desapareceram, e a morte sorriu.

– *Quer dizer ... Quer dizer ...*



As últimas palavras não viram a porta da boca para saírem, o rei é interrompido.

– *iiiiisso mesmo. Isso mesmo. Nós morremos a fome, nem ganhamos nadinha para o andamento destes papéis e tu? E tu? Além disso, quero cortar todas as árvores das tuas bananas, e tu também, serás como nós, pobres.* – Disse o Macaco enquanto tapava a sua cara com medo de ser descoberto pelo rei.

– *É assim (...)*

Antes de continuar a falar, as azagaias direccionaram – se à sua barriga, porém nada resultava.

– *O gajo deve ter consumido ferros!*

– *Precisamos ser fortes, vamos!* - Ordenou o Leão.

Após tantos lançamentos sem solução, as azagaias acabam. Todos vão ao encontro do Rei. Dessa vez, fez - se o uso dos dentes. Devoraram-no com os fiados dentes a sua barriga, e deixaram - no desmaiado. Neste momento, o macaco estava no quintal encima das bananeiras colhendo tudo o que era banana enfiando dentro do seu saco. Furioso o Leão pergunta:

- Posha caraça, além de lançarmos azagaias e devorarmos a barriga desse rei, tu ficas a colher a merda de bananas?

- Olha, a vida tem dessas. Vocês usam forças, batam no chefe e eu estou aqui cuidando da minha fome. Lutem vocês! - Respondeu cautelosamente o Macaco.

O Régulo, os chefes dos bairros ficaram furiosos, e decidiram eliminar, igualmente, a vida de toda família Macaco. Apercebendo - se da situação, toda a família subiu na árvore e desde daquele dia, os macacos e o Leão não combinam. Passando alguns dias, após a melhoria do Rei, o macaco, quase toda a família decide fazer uma visita ao Rei com saco de banana às costas.



- Senhor Rei, é com muita tristeza que endereço as melhorias da sua saúde. Toma este saco de bananas que servirá de consolo para ti e para tua família.

Assim, viveram juntos do Rei na mesma floresta, porém distante do Leão, Leopardo e suas subfamílias.

Confissões dos Cães

Era uma vez, uma senhora viúva cujo nome era Mizelha de 60 anos. Ela tinha três Cães e vivia numa zona humilde. O seu marido deixou-lhe uma enorme casa, várias mobílias e ela sustentava - se pela agricultura. Antes ir à Machamba fazia todos os trabalhos de casa: Lavava os pratos, limpava a casa, enchia o tambor de água, tirava a poeira nos aparelhos e muitas outras actividades. Isto se repetia todos os dias. Certa vez, decidiu deixar o cansaço e o nervo subir - lhe e decidiu abrir a boca.

- Vocês são autênticos brutos, cães que não servem para nada. Estão aí, sentados olhando tudo o que estou a fazer, se fossem pessoas, poderiam pelo menos carregar uma botijinha, seus sujos. Saíam daqui, saíam.

Cada dia que passava, algum insulto penetrava nos tímpanos dos cães.

Certa vez, após *culimar*, chegou à casa cansada e encontrou os seus três Cães sentados na porta de casa protegendo - a dos ladrões, olhou e disse:

- Saíam daqui, seus brutos. Se fossem pessoas, lavariam pelo menos os pratos.

Passou pelo meio e foi fazer as suas actividades.

Certo dia, a velha acordou muito tarde e não conseguiu fazer quase nada, deixou tudinho sujo. Deixou os seus cães e foi à Machamba. Ao pôr-do-sol, quando voltava à casa com os ossos quebrados, abriu a porta da casa e encontrou o chão da casa limpo, os pratos todos limpos, o tambor cheio de água e todos os aparelhos limpos. Quase com o coração disperso, lamentou.

- Meu Deus, quem pode ser este que fez isso? Será que entraram ladrões?

No meio das dúvidas, numa manhã, deixou a casa no mesmo estado, fingiu ir à Machamba. Escondida numa esquina viu tudo o que os cães faziam.

Limpavam o chão, outros lavavam pratos, outros limpavam o tecto de casa. Com olhos quase nas mãos, chegou e o cão confessou a dor:

- Deixe de nos desprezar, nós tivemos a natureza diferente. Nunca contes à ninguém o sucedido, senão perdes a vida. Estás a ouvir?

A senhora permaneceu no silêncio abanando a cabeça de pavor.



A Borboleta e o Macaco

Era uma vez, num certo dia, havia um Verme que caminhava pela rua tranquila sem barulhos, com a boca fechada, pés finos sem patas, corpo pequenino, olhos azuis e de careca. Não falava com ninguém, de boca fechada, passava aos lados dos colegas e dos seus tios. Naquela bela caminhada, chegou ao local um macaco com passos lentos controlando o mistério do Verme que se enrolava de forma devagar.

- *É assim como te ensinaram a andar?* - Perguntou o macaco enquanto segurava a cintura e a bochecha de admiração como se nunca tivesse visto seres daquela natureza.

- *Estou a falar contigo, oh, arrastado sem pés!*

A boca não se abria. O macaco levantou a mão, dobrou os dedos e com UM dedo afastou o Verme violentamente.

- *Não me queres responder, oh, enrolado?*

O macaco tinha estrutura de um bisavô, cara embrulhada, cabelo todo dormia de sono, pêlos haviam mudado de cor de tanto queimar, a barriga desobedecia o estilo, caía de qualquer maneira com testículos expostos. Era nu, e àquela nudez não lhe incomodava. O Verme segurou a boca para não lhe perguntar os porquês de não esconder a sua nudez.

Naquela instância, o macaco era mais alto e mais grosso, ou seja, ele tinha altura do Mundo. O Verme morria de medo, o seu coração ardia de não achar o caminho, os seus olhos corriam oceano de lágrimas e de forma minuciosa caíam as urinas em gotículas. A única coisa que se comparava com ele, eram as unhas, porque até os dedos do macaco eram semelhantes a um combóio abandonado.

- *Quer saber se me ensinaram ou não a andar assim? Por quê?* -
Respondeu o Verme olhando bem na sua cara.

- *Quero saber, tu és estranho.*

Naquela troca de palavras, o Verme lembrou-se da Metamorfose, e conversou com o seu íntimo. “Eu sou verme, e também, sou borboleta, porque não deixo este estúpido aqui sozinho?”. De tanto ficar calado na imaginação, o macaco perguntou com rugas espalhadas ao corpo e quase pronto a terminar a sua vida.

- *Alô, em que estás a pensar? Ouvi todas as tuas imaginações.*

- *Minhas imaginações? Tu és curandeiro? Quer dizer, tens...*

- *Não, não tenho. Não uso isso, sou natural.*

- *És tão velho, e duvido que não saibas disso. Pessoas velhas como tu, normalmente, já viram tudo nessa vida.*

- *Que vida? Cala-te, explica essa porcaria de tu andares de barriga.*

- *O meu pai tem uma idade menor que a tua, tu como velho, deverias conhecer a minha natureza. Quero que eu te dê aulas da Metamorfose?*

- *Quê que é isso? Explica - me lá.* - Disse já concentrado o Macaco com as mãos nos bolsos e encostado numa árvore feitos os nossos ricos pobres.

- *Não, não posso fazer isso, não ensino gente abusada como tu que se mete com qualquer pessoa sem educação. Além de procurares saber sobre a minha vida, procure saber como é que se adquire o respeito e a educação.*

O Verme transformou -se em Borboleta e quando o Macaco apercebeu - se dá transformação, esticou a mão, tentou segurá-lo, porém era tarde, nem os dedos, nem as unhas conseguiram alcançar o Verme. O macaco restou com uma coloração da Borboleta que deixava brilhante a sua velha cara.

A separação

Era uma vez, uma tribo de Ratos, a aldeia era pequena e localizava - se num mato longínquo. Tinha um régulo, o Rato mais velho de todos. Ele criava regras para o funcionamento daquele povo.

Segundo as normas estabelecidas pelo Régulo, em todas as manhãs, os Ratos machos deveriam ir à caça, e as fêmeas e os seus filhotes deveriam ir às machambas. Na machamba, os filhotes ajudavam às suas mães na colheita de maçaroca, verdura, e batata-doce para o consumo.

Todos os Ratos, machos e fêmeas faziam actividades todos os dias, excepto o Régulo que o seu verdadeiro e enorme trabalho era de sentar naquela altíssima cadeira. Após o trabalho, ao pôr-do-sol, todas as famílias reuniam - se lá, na casa do régulo, todos espalhados pelo quintal a fim de fazer a apresentação do relatório do percurso do dia. A aldeia era composta por muitas regras, só os Ratos Machos tinham direito de se vestirem. Não só, também os colares de ouro, eram para eles, e as mulheres?

As mulheres apenas tinham o direito de usarem a pele de alguns animais, só para taparem os seios e as vaginas envelhecidas pelos trabalhos excessivos. Os filhotes viviam nus, sem veste nem nos sonhos, nem no corpo e nem na alma. Numa das reuniões marcada, o Régulo levantou - se da cadeira, olhou para o seu povo e notou algo estranho. “Alguns ratos não estavam presentes”. Ele chateou - se pelo cenário questionou com a voz gigante:

- Onde estão os outros cabrões?

O silenciou preencheu o espaço, ninguém respondeu.

- Gente estúpida, traidora. Ei, vão, muito rápido capturá-los.

- Desculpe senhor Líder, depois de tanto tempo, é lógico que os nossos irmãos nos traíam? - Indagou um homem, o rato, que estava ao lado da sua família.

- Eu sei, mas cá há gente estúpida sem orelhas, e (...)

Antes de terminar, os procurados chegavam embriagados.

- Estão aí... Estão aí ... Os estúpidos traidores que venderam as colheitas enriquecendo o outro povo lá doutro lado. - Murmurou o Régulo.

- É o seguinte, a partir de hoje, vocês os cinco, levem as vossas famílias, as vossas colheitas e vão viver lá onde venderam as colheitas. Estúpidos, afinal estão aqui só para fazer porcarias? Saiam daqui rápido antes que o meu olho dê uma pista.

Àqueles ratos, ladrões, ainda com álcool no espírito, seguraram suas esposas, filhos e saíram daquele lugar. “Onde vamos?” Questões circulavam na estrada das suas imaginações. No mato, não eram precisados, após uma eterna imaginação, o álcool na cabeça voo, e cada Rato segurou a sua família e foram viver com os seres humanos, e assim conseguem produzir para as suas famílias e não para o Rei.



O pecado de voar

Era uma vez, certa família passeava pela estrada. O senhor pássaro, a sua esposa e os seus três filhotes. Àquele dia, reservou - se, simplesmente, para apanhar o ar e consumir a doçura da natureza. Os filhotes recebiam dos seus pais conselhos que usariam naqueles dias e nos dias subsequentes. “*Não podem voar. Voar é pecado*”. Os seus pais acreditavam que caso voassem, conheceriam muita coisa, e fariam tudo o que não seria da sua idade. Então, após um fantástico passeio, chegou à sua cabeça uma enorme pedra que consumiu totalmente as cabeças do pai e da mãe. Foram os caçadores que faziam as suas aventuras e precisavam consumir alguma coisa após uma eterna caminha.

- *Batemos, batemos. Vai lá e apanha - lá.*

- *Posha, o gajo está respirando.*

- *Caramba, deixaram uns filhinhos pá.*

- *Vamos lá assar isso aí, estão com fome. E...*

- *Levamos isto para casa?*



- *Certo. Nós matamos os seus parentes inocentes, então, devemos cuidar dos filhos até a fase final.*

Os filhotes estavam parados naquele lugar com milhões de medos em volta dos seus corpos.

- *Estamos com medo!* - Exclamou um pássaro mais velho.

- *Quieto! Vos levaremos à nossa casa.* - Disse um dos caçadores.

Levaram - nos para casa, e lá, o tempo passou. Os caçadores sabiam o quão é doloroso perder a família, por isso, entendiam a timidez dos passarinhos dentro daquela gaiola.

Todos os dias, os outros pássaros vinham naquela gaiola a fim de bater um papo, porém o ambiente era diferente. Sem falarem nada, àqueles outros pássaros voavam, iam às matas, procuravam comida, cozinhavam, faziam

casas com os pequenos capins que tiravam do mato, conquistavam algumas pitinhas coladas nas ruas, e no final do dia sempre vinham e diziam:

- Posha, vocês não voam? Não sabem voar? Sabiam que esses caçadores irão vos matar e vos comerem assim que tiverem a idade que eles precisam?

Àqueles passarinhos com timidez, e muita vergonha respondiam.

- O nosso pai disse - nos que voar era pecado.

Todos ficaram a rir. O tempo passou, os passarinhos cresceram, os caçadores tiveram pena, voltaram à floresta e deixaram-lhes.

- Os gajos perderam os seus pais, espero que comecem uma vida nova.

Saíram do lugar e voltaram às suas casas. Os passarinhos, já grandes, tinham asas, forças, vontades, mas nas suas mentes, havia uma frase imortal dos seus pais. “Voar é pecado”, e desde daquele dia, começavam a viver no chão por meio de pequenas migalhas que caíam dos prédios construídos pelos outros pássaros.

Rivalidade

Era uma vez, um elefante jazia sentado no seu trono na altura em que era o Rei da selva. Jazia no palácio, e em baixo jazia o povo de classe baixa que se fazia sempre presente no local. A selva era democrática, porém inclinava – se a monarquia, tudo era para o rei, por isso, em algum momento, os outros os animais dormiam aos arredores do palácio a fim de engolir os restos dos pães que nem saiam das suas mãos.

- *Sua nobreza, faz favor de deixar cair um pão neste quente chão!* – Clamou um pobre homem que teria cedido todas as moedas de imposto.

O príncipe levantou – da cadeira, reparou o povo que não se descolava dos arredores da casa e voltou onde está o pai.

- *Sua alteza, faz favor, nós não queremos muita coisa, só um pão, um pãozito.* – Clamou o leão e os outros animais.

Estavam todos reunidos. Os animais, os seres humanos, todos juntos. Nem os leões, nem as hienas, nem os Leopardos, nem os outros animais, nem os seres humanos, ninguém comia ninguém. Um osso, e um pão, era o que se queria.

- *Saiam daí, e nunca me mais chateiam.* - Pronunciou – se o Rei elefante

Saiu da varanda deixando – lhes plantados com barrigas secas e vazias. Os três homens que estavam naquele lugar, com barrigas zeradas, levantaram e deram uma saída.

- *Senhor Leão, se estarmos aqui, morreremos de fome. Sugiro que se invada o palácio e retiremos o que queremos.* – Sugeriu um senhor que estava na beira da morte.

- *Quê? Ah! A ideia é ótima. Ei, Leopardo, levem as pedras, partam as janelas, abram, comam tudo o que estiver aqui. E...*

- *e...!?* - Exclamaram os outros animais com milhões de dúvidas.

- Não comam estes senhores, são muito magros, e neles não há carne algum.

Os seres humanos, com as pedras, foram directamente partir os chifres dos príncipes, mataram a esposa do príncipe. O senhor Leão e os colegas devoraram tudo o que estava no palácio. Após o desfeito no palácio, tudo estava desorganizado. O elefante ficou com trilhões de fúrias, levantou - se, reparou pela janela, e gritou:

- *Caraças de merda...*

Todos fugiram com as pastas cheias de ossos, carnes e pães. E com olhos ardentes, o Rei ficou olhando a saída da equipa. O ódio plantou - se nele, e desde daquele dia naquela aldeia não falta nem emprego, nem comida, nem educação.

O macaco albino

Era uma vez, um macaco vivia numa casa junto com a sua esposa, ambos eram jovens. Charmosos, com alturas fornecidas pela natureza, cabelos que detinham a familiaridade com os seus pelos espalhados ao corpo, barrigas enormes de tanto comer e patas sempre limpas como Ursos na Neve. Em todos os finais de semana, o Macaco macho levava à sua linda esposa aos passeios pelo jardim, iam ao Shopping comprar sanduíche, e assim a vida seguia sem ondulações.

Neste período, os planos nunca dormiam.

- *Ah! Que vontade! De ter o meu filho neste caloroso colo* - Exclamou a fêmea.

- *Ah, não diga isso. Em todas as noites não tenho achado o sono, trabalho fortemente para ter UM, só UM nos meus braços.* - Corresponde o macho enquanto lia o Jornal com os pés cruzados feito velhos cansados pela curtição em procura de emprego para o aposento.

Ambos tinham sonho de ter um bebé, que até às vezes, levavam o Nené do vizinho para deambular. Certa vez, a fêmea sente-se estranha.

- *Amor, não vejo o período.*

- *Caraça! Período? Quê que é isso?* - Exclamou o macho enquanto desenvolvia as suas habituais actividades, lendo jornal.

- *Quero dizer, estou grávida!*

- *Ah! Que alegria!*

Naquele dia, foram ao mercado, fizeram as melhores compras nunca vistas. Roupa para criança que tinha apenas alguns meses de formação no ventre, comida que poderia comer nos primeiros dias de vida. O quarto organizava - se, o ferro de engomar já fazia a sua função, cozinheiros eram contratados cujas funções começariam apenas pós o nascimento.

- *Vizinho? Por acaso, vocês têm Nené? É que, desde ontem vejo as entradas e as saídas na vossa casa, sabe, é que....* - Pergunta uma vizinha, controladora da vida dos outros.

E, de forma gentil, o macho, saiu, olhou e interrompeu a fala.

- *Vizinha, viva como cega, pare de viver pelos outros.*

Ainda com o jornal da semana passada nas mãos, fecha a porta.

O tempo foi passando, a gravidez foi aumentando e a ansiedade cada vez mais aumentava no casal. Certa vez, numa manhã a esposa disse:

- *Amor, eu já tenho o nome caso for homem.*

- Ah? Nome? Eu estou lendo o jornal desde meses e não vejo um nome bonito e tu já tens o nome?

- *Sim, ele será Devily!* - Disse a esposa.

- *Quê? Que que é isso? Quem lhe chamará deste nome se todos sabem que todos os Macacos têm o mesmo nome?*



A esposa calou - se e o nome apagou - se. O dia chegou, o esperado parto. Contratou - se uma das melhores médicas do país, a dona Júlia, filha do macaco que libertou a floresta no tempo da guerra. Ela veio ao local por meio de um transporte particular. Num quarto reservado, foi assistir o parto, e o final esperado chegou: "O experimento do bebé". O Bebé não se movimentava, não chorava. Depois de tantas tentativas, finalmente teve-se um alívio:

- *N'gemmmmmm... N'gemmmmmm!*

Chorava o bebé. A médica despediu - se e os dias passaram. O bebé crescia, porém não se via diferenças. Não falava, não se movimentava, a pele era mais branca que os outros animais.

- *É albino! É albino!* - Exclamou o Macaco o macho e continuo falando furioso- *Ah! Meu Deus, é deficiente, não fala, não anda, veja...veja...upfu! Esperma perdida! Posha, foi perda das minhas noites, não esperava por isto.*

- *E agora? Que faremos?* - Indagou a esposa.

- *Que faremos? Quê que pensas tu? Vamos lhe deixar aqui e vamos dar início a outra vida. Filho deficiente nunca foi o meu plano.*

- *Ah!?*

- *Sim, isso mesmo. Que pensas? Ficar com este brinquedo até quando?*

- *E os estudos?* - Indagou a esposa.

- *Estudos menos interessam. O dinheiro deve ser gasto por coisas que prestam. Organize - se, e anoite vamos sair.*

- *Amor, é que... É doloroso ter que deixar um filho, sabe...* - Sentia a esposa enquanto acariciava os pelos do filho.

A floresta estava silenciosa, tímida e calma. Ninguém mais falava além dos pássaros que lutavam pela fome que não se ausentava dos seus estômagos.

Quando anoiteceu, o casal segurou no bebé, deixou - o na sua bela cama e fugiram de casa a fim de começar mais uma vida que possivelmente lhes dariam filhos sem deficiência.



Minibiografia do autor

Sousa Horário Bartolomeu é licenciado em Ensino de Português, com habilidades adicionais em Ensino de Inglês. Concluiu os cursos de curta duração em inglês na World English Institute, nos Estados Unidos e em Espanhol na Fluency TV, no Brasil. É docente na Faculdade de Ciências Agrárias (FCA) da Universidade Zambeze. Além de sua atuação como docente universitário, é pesquisador nas áreas de Linguística Descritiva e Aplicada, e Sociologia, com ênfase na análise do português em Moçambique e suas variações; didática focado em metodologias de ensino. Possui vários artigos científicos publicados nas revistas do Brasil (América do Sul), Timor - Leste e Índia (Ásia). Contribuiu com capítulos para composição dos livros acadêmicos "Metamorfoses do Português em Moçambique", resultado da Conferência Internacional da Universidade Púnguè - Moçambique, e "Brasil-Moçambique: língua, literatura e artes", promovido pelo Instituto Guimarães Rosa em Maputo.



Recebido em: 24/04/2026

Aceito em: 08/09/2026

Para citar este texto (ABNT): BARTOLOMEU, Sousa Horário. A confissão. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.6, nº 3, p.205-229, jun./dez.2026.

To cite this text (APA): Bartolomeu, Sousa Horário (jul./dez.2026). A confissão. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 6 (3): 205-229.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>